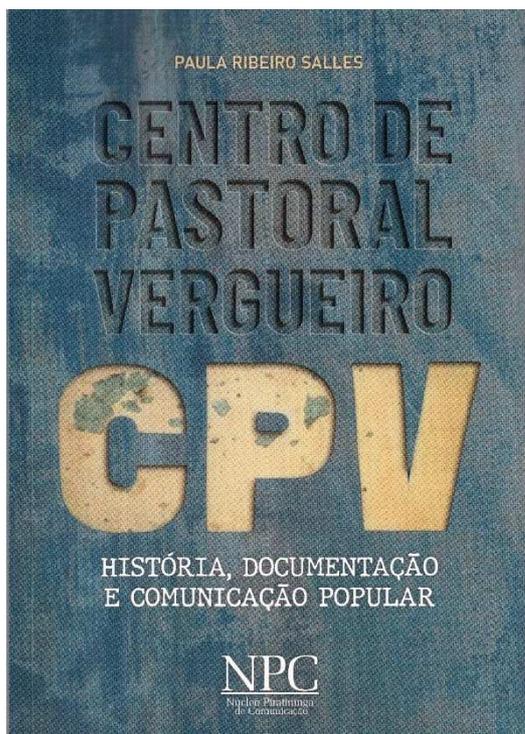


SALLES, Paula Ribeiro. **Centro de Pastoral Vergueiro (CPV): história, documentação e comunicação popular.** São Paulo: Núcleo Piratininga de Comunicação, 2020 (174 P.).

PREFÁCIO

O Centro de Pastoral Vergueiro (CPV): espaço ativo de educação popular

Profa. Dra. HELOISA DE FARIA CRUZ (PUC-SP)



Os anos que vão de 1975 a 1989 constituem um período extremamente rico e dinâmico da história das classes trabalhadoras brasileiras; momento em que a grande vitalidade de movimentos sociais se apresenta como uma das dimensões históricas centrais das lutas de resistência à ditadura civil-militar do país. Então, em meio às lutas pela redemocratização do país, emerge uma série de movimentos sindicais e populares que se disseminaram por todas

as grandes cidades do país, os quais, com uma multiplicidade de arranjos, põem em foco a própria noção de sujeito coletivo. Ao lado das lutas estudantis e da campanha de amplitude nacional pela Anistia, movimentos sociais urbanos e sindicais emergem como os novos personagens no terreno das lutas sociais.

Com as greves de massa de 1978/79, assumindo voz própria, revelando formas de organização social que se propunham autônomas e independentes, os trabalhadores aparecem de um modo novo na cena política. Nesse processo, uma nova sociabilidade classista e popular penetra os locais de moradia e trabalho, ganhando visibilidade em novas tradições políticas e formas de organização. Com suas entidades e estratégias, clubes de mães, associações de moradores, comissões de fábrica, oposições sindicais, manifestações públicas, greves, assembleias populares, abaixo-assinados, ocupações urbanas, quebra-quebras e centros populares, os trabalhadores transformam a cena política de então. Tais experiências e práticas culturais configuram um campo novo de organização e expressão, com novas linguagens, espaços e mecanismos de participação, dos setores populares. É justamente para o interior desse tempo e

campo político que o livro de Paula Salles nos transporta. Nele, torna-se possível dialogar com propostas que alimentaram a vivacidade e dinâmica daquelas lutas. Assim, é com grande satisfação que vejo a publicação do estudo **Centro de Pastoral Vergueiro (CPV): história, documentação e comunicação popular**, sobre a história daquela que foi uma das principais entidades de articulação das atividades de comunicação e educação popular e de formação política dos setores populares e dos trabalhadores brasileiros no período.

O texto, apresentado originalmente como dissertação de mestrado, desenvolvido sob minha orientação no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, organizando uma pesquisa detalhada e criteriosa sobre a história do CPV e principalmente sobre seu trabalho com a comunicação e documentação popular, traz uma expressiva contribuição para a discussão sobre a natureza e importância da atuação dessas entidades, os centros populares. Naqueles anos, uma das dimensões fundamentais desta dinâmica própria dos movimentos é a da constituição de uma rede articulada e ativa de entidades que assumindo denominações variadas, como Centro Ecumênico de Documentação e Informação (como o CEDI-SP e o CEDI-RJ), Centro de Educação e Cultura Operária (como o CECOP-SP), Centro de Documentação Popular (como o CDP de Uberlândia ou o CEDOP de João Pessoa), Centro de Informação (como o CEDIV de Vitória), Centro de Estudos e Ação Social (como o CEAS de Salvador), Centro de Estudos do Trabalho (como o CET de Belo Horizonte), Centro de Memória Sindical

(como o CMS de Recife, de Curitiba e de São Paulo), do próprio CPV- Centro de Pastoral Vergueiro, também de São Paulo, se articularam visando à educação e formação política dos setores populares.

Como apontam os poucos estudos sobre essas entidades, então, com a participação de intelectuais de esquerda, setores progressistas da Igreja Católica, líderes sindicais e populares, educadores populares e estudantes universitários, foram organizados muitos centros que se assumiram ou foram definidos como centros de assessoria e apoio aos movimentos sindicais e populares. Tais centros atuavam desenvolvendo inúmeras atividades consideradas de apoio aos movimentos e suas lutas, e que iam desde os serviços de atendimento jurídico, cursos de alfabetização e formação profissional, produção de materiais diversos e arrecadação de fundos até a formação de lideranças e a promoção de estudos sobre questões de interesse dos movimentos. É uma rede riquíssima de organismos que, para além da dimensão derivada ou secundária que a denominação de entidade de apoio sugere, deve ser pensada como dimensão ativa das formas de organização e luta daqueles sujeitos sociais.

O livro de Paula Salles, abordando a história do CPV, uma das mais importantes e longevas dessas entidades, traz relevantes contribuições para 10 a compreensão desta dimensão fundamental da cultura popular, porém ainda pouco explorada pelos estudos sobre o período. Na sua conformação, o livro, caminhando de um panorama mais geral da trajetória do CPV naquele que é considerado seu período mais dinâmico,

entre os anos 1973 e 1989, para as questões sobre a documentação e comunicação popular, apresenta reflexões importantes e encaminha indagações originais sobre a história e atuação não só do CPV mas daquela miríade de entidades que se articulavam no fazer-se dos movimentos sindicais e populares da época.

Denso, porém, de leitura corrente, o texto costura-se a partir da pesquisa em uma significativa quantidade de documentos originais e inéditos sobre a trajetória e atividades do Centro. No entrelaçamento de temas que propõe, proporciona ao leitor o contato com uma gama extensa e diversificada de fontes que deixam ver a amplitude, riqueza e diversidade do acervo da entidade, recentemente transferido para a custódia do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Universidade Estadual de Campinas. Aliás, saliente-se que em sua análise da atuação do CPV, numa abordagem histórica que dialoga com questões da arquivologia, o estudo não só deixa ver a dimensão e trajetória da construção daquele impressionante patrimônio documental, formado por uma imensa massa documental de materiais variados, como relatórios, cartazes, cartilhas, jornais e boletins, vídeos e cassetes, entre outros, produzidos e/ou selecionados pelos movimentos, como também resgata e problematiza a própria noção de documentação popular adotada por aquelas entidades.

No decorrer dos três capítulos que organizam o texto, sem cair em uma análise meramente descritiva, de forma reflexiva e criativa, articulando o diálogo com referências teóricas, e percorrendo uma bibliografia significativa sobre a

conjuntura, a autora transita pela discussão sobre a história e memórias dos processos e personagens que deram vida ao CPV. Paula passa pela identificação da atuação e concepções sobre documentação e comunicação popular então traçadas por organismos brasileiros e latino-americanos e finaliza com uma análise densa e verticalizada das concepções e procedimentos que organizaram o setor de documentação e comunicação popular do Centro Pastoral.

O capítulo inicial, denominado Centro de Pastoral Vergueiro: entre trajetórias e memórias, localiza atores, decifra documentos institucionais, como as atas da entidade, e ausculta memórias de militantes, analisando a trajetória do Centro desde suas origens ligadas aos dominicanos da Comunidade Sagrada Família e Comunidade Cristo Operário, na região Sul da São Paulo, até o ano em que a entidade se assume como laica e, ao invés de pastoral, passando a centro de documentação e pesquisa. Aqui a autora não só recompõe o momento inicial de institucionalização do CPV, mas também sua organização interna e linhas de atuação em diferentes fases. Tendo como questão de fundo a discussão sobre o lugar político do Centro em sua articulação com as forças populares de então, problematiza as variadas propostas políticas, relações de poder, consensos e conflitos entre os diferentes grupos de militantes, entidades e tendências políticas que ali se encontraram.

As articulações nacionais e latino-americanas que compunham a rede de documentação, comunicação e educação popular na qual o CPV se inseria é tema

do segundo capítulo. Nele se evidencia um amplo movimento de formação e informação popular que cruza o país de norte a sul e se articula a entidades latino-americanas, ligadas, em sua maioria, à atuação da igreja progressista no continente. Via estudo do movimento de comunicação alternativa que se concretizava na crescente produção e difusão de publicações populares brasileiras e latino-americanas, dos vários encontros de documentação e comunicação popular, das publicações Comisión Evangélica Latinoamericana de Educación Cristiana (CELADEC) de Lima, Peru, e de outras entidades do continente, torna visível a extensão e riqueza daquele movimento e levanta questões centrais sobre o lugar da documentação e comunicação popular na construção daquele amplo projeto de educação popular.

O capítulo final volta-se para o trabalho de documentação e comunicação popular desenvolvido pelo próprio CPV e, mais especificamente, para o Setor de Documentação e Pesquisa da entidade. Com base na pesquisa das publicações daquele setor, tais como catálogos, informes bibliográficos, dossiês e cadernos populares, destaca concepções e procedimentos que orientavam o trabalho interno de documentação e comunicação do Centro. Indique-se também que, nesse caminho e por meio dessa análise dos instrumentos de referência do acervo e da classificação temática dos materiais que conformam aquela imensa massa documental, o livro nos brinda com uma compreensão geral do conteúdo desse rico acervo sobre o mundo do trabalho e os movimentos

populares no período. No mesmo capítulo, ao examinar de forma detalhada as diversas fases do trabalho do setor, suas estratégias de captação, produção e difusão dos materiais, suas concepções sobre o que era lidar com a documentação popular como instrumentos de formação política e educação popular, a autora nos propõe uma discussão instigante que se projeta para uma avaliação não só sobre a natureza e importância daquele trabalho, mas também sobre as políticas de formação, organização e difusão de acervo que organizam a grande parte do trabalho de nossos arquivos e centros de documentação na atualidade.

Preservado e enriquecido pela entidade até recentemente, o acervo do CPV, e as referências culturais e políticas que dele emergem, hoje se encontra à disposição não só dos pesquisadores sobre história do período, mas também de todos aqueles que acreditam que outro mundo, com relações sociais mais justas e solidárias, é possível. Sabemos que não se trata de tentar repetir aquelas experiências nos dias atuais, já que nas últimas décadas as violentas transformações das relações capitalistas no país tiveram como uma de suas principais facetas a contínua de degradação daquele mundo do trabalho do qual nos fala o livro. Frente aos presentes desafios do mundo do trabalho o livro de Paula Salles sobre o CPV e seu acervo nos convida ao debate crítico com os propósitos, projetos e práticas políticas daqueles sujeitos sociais.

São Paulo, maio de 2020.

SOBRE A AUTORA



PAULA RIBEIRO SALLES nasceu em São Paulo, capital, em 1976. É graduada em História pela UFOP. Fez mestrado em História Social pela PUC-SP e depois da pesquisa, aqui publicada, tornou-se sócia e diretora do CPV – Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro, acompanhando projetos de memória, organização e difusão do acervo. Foi professora da rede pública em São Paulo/SP e educadora em projetos sociais. Desde 2008, trabalha como documentalista e pesquisadora, especializando-se em Movimentos Sociais de resistência à Ditadura Civil-Militar e pela Redemocratização do Brasil (1964-1989). Atuou no Centro de Educação, Estudos e Pesquisas (CEEP); no Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP); no Memorial da Resistência de São Paulo e no Núcleo de Preservação da Memória Política. Hoje é assessora do CPV e professora convidada do Projeto Plataforma Digital Plural da UFABC. Mora em São Paulo/SP e é mãe da Alice.